

Educação dos corpos e diversões suburbanas: experiências no bairro de Campo Grande-RJ (1924-1940)

Nei Jorge dos Santos Junior

Centro Universitário Serra dos Órgãos
Centro Universitário Maurício de Nassau
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 28 maio 2024

Aprovado em: 12 ago. 2024

Publicado em: 06 maio 2025

Resumo

O estudo tem como objetivo analisar as estratégias de organização das sociedades recreativas de Campo Grande, entre os anos de 1924 e 1940, procurando compreender não só as redes de sociabilidade formadas ao seu redor, como também o conjunto de experiências constituídas por esses sujeitos sociais. Utilizamos como fontes revistas e jornais consultados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Quanto ao recorte temporal adotado (1924 e 1940), levamos em consideração dois temas: a organização dessas agremiações e as experiências constituídas ao redor deles. Por fim, acreditamos que a multiplicidade de diversões contribuiu para o desenvolvimento de novos parâmetros culturais do bairro, que teve na diversidade dos usos sociais do tempo um indicador importante na adesão a ideais de civilização e progresso.

Palavras-chave: Subúrbios. Campo Grande. Diversões.

* Professor do Centro Universitário Serra dos Órgãos e do Centro Universitário Maurício de Nassau. Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; graduado em Educação Física pela Universidade Castelo Branco e em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: edfnei@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5943-8328>

 <http://lattes.cnpq.br/5376923296880291>

Education of bodies and suburban fun: experiences in the neighborhood of Campo Grande-RJ (1924-1940)

Nei Jorge dos Santos Junior

Serra dos Órgãos University Center
Maurício de Nassau University Center
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil

Received: 28th May 2024

Approved: 12th Aug. 2024

Published: 06th May 2025

Abstract

The study aims to analyze the organizational strategies of recreational societies in Campo Grande between the years 1924 and 1940, seeking to comprehend not only the networks of sociability formed around them but also the set of experiences constituted by these social subjects. We utilized magazines and newspapers accessed through the Digital Hemeroteca of the National Library as sources. Regarding the adopted temporal framework (1924 to 1940), we took into consideration two themes: the organization of these associations and the experiences constituted around them. Finally, we believe that the multiplicity of amusements contributed to the development of new cultural parameters in the neighborhood, with the diversity of social uses of time serving as an important indicator in the adherence to ideals of civilization and progress.

Keywords: Suburbs. Campo Grande. Entertainment.

* Professor at the Serra dos Órgãos University Center and the Maurício de Nassau University Center. PhD in Leisure Studies from the Federal University of Minas Gerais; MA in Comparative History from the Federal University of Rio de Janeiro; BA in Physical Education from Castelo Branco University and BA in History from the State University of Rio de Janeiro. E-mail: edfnei@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5943-8328>

 <http://lattes.cnpq.br/5376923296880291>

Os primeiros anos do século XX abrem espaços para as impressões iniciais deste estudo. O Rio de Janeiro, influenciado pelos processos de construção da modernidade, oferecia perspectivas promissoras para aqueles que aspiravam a novos tempos. A remodelação do espaço urbano, ligada a valorização das experiências vividas nos múltiplos cenários sociais, permitia que se delineasse uma cidade cada vez mais dinâmica e plural.

Esse ambiente político-econômico favorável, classificaria a cidade carioca enquanto principal centro comercial, cultural e financeiro do país, tendo como uma das facetas o fortalecimento de um amplo mercado nacional de consumo ao redor dos entretenimentos. Não restavam dúvidas; a antiga capital federal não só se consolidava enquanto espaço de experiências de modernização, como também em núcleo difusor de modas e costumes (Melo, 2010; Melo, 2020).

De fato, a valorização da esfera pública, como lócus de experiência, foi fundamental para a organização e configuração dos ideais de modernização, progresso e civilização. A antiga capital federal vivia um período de efervescência cultural, em que as influências do cosmopolitismo conviviam com elementos das tradições populares, oriundas das várias províncias e regiões brasileiras (Santos Junior, 2017; Santos Junior, 2020). Neste cenário, repleto de transformações, crescia significativamente o número de associações ligadas ao lazer. A cidade contava aproximadamente com um número de 1.600 associações que se autodenominavam dançantes, esportivas, carnavalescas e, em menor número, culturais e educacionais, demonstrando que o hábito de se associar já fazia parte de uma tendência facilmente observável no Rio de Janeiro. No entanto, engana-se que este mercado estava circunscrito aos ambientes austeros e elitizados da cidade.

Subdivididos entre “urbanos” e “suburbanos”, o número de habitantes da cidade crescia vultuosamente, passando de 274.972 para 522.651, entre os anos de 1872 e 1890 (Fernandes, 2011; Brasil, 1895). Logo, a busca por moradias próximas ao centro se tornou um problema para as classes populares, a qual criou uma grave crise habitacional. Assim, os subúrbios, em extensa expansão, tornavam-se uma alternativa.

Nos primeiros anos do século XX, a proporção da população suburbana para o total dos habitantes do Rio de Janeiro subiu para 22,60% em 1906 (Brasil, 1907). Ou seja, num total de 811.443 habitantes, sendo 625.756 domiciliados na região considerada urbana, os subúrbios já contavam com 183.402 moradores. Além disso, com a abertura de novas estações de trem, somado a criação de uma tarifa única nas linhas suburbanas dentro do Distrito Federal, muitos trabalhadores decidiram instalar-se em lugares cada vez mais distantes do centro (*Almanak...*, 1918).

Não era de se estranhar, portanto, a ocupação de bairros mais afastados do centro, porém, bem servidos pelos transportes urbanos. Na década de 1920, a população suburbana aumentava em quase 357 mil habitantes, distribuídos em 48.487 domicílios (Brasil, 1923). Regiões como Bangu, Campo Grande e Santa Cruz, outrora rurais, obtiveram um crescimento

populacional de 969,02% em 100 anos (Brasil, 1923). Em outras palavras, um espraiamento do tecido urbano em áreas até então de baixa habitação.

Nesse cenário, crescia em número, importância e significado o mercado de entretenimento ao redor da região suburbana. A criação de clubes, fossem eles esportivos, recreativos, dançantes ou carnavalescos se tornava cada vez mais recorrente nos bairros mais longínquos da região. Considerados como importantes fóruns de organização de diferentes grupos sociais, as agremiações estruturavam iniciativas que não estavam circunscritas à diversão (Melo, Silva, 2021). Embora fosse uma intenção significativa, os clubes, por vezes representados pelas lideranças locais, manifestavam práticas com objetivos políticos e identitários que não raramente difundiam posturas e comportamentos públicos considerados modernos e civilizados.

Para elucidar o debate, dialogamos com as ideias propostas por Victor Melo (2020), no que tange à relação entre educação e divertimentos, interpretados a partir de uma dupla dimensão: educação para e pelo entretenimento. Para o autor, “todos deveriam aprender a se portar nos espaços de diversão, na mesma medida em que esses espaços difundiam novas formas de se portar” (Melo, 2020, p. 4). Dessa forma, ainda que demarcassem múltiplos traços identitários, os clubes suburbanos, enlevados pelo discurso de progresso da nação, difundiam novas formas de usar o corpo, indicando não só a importância de educar a população da região para os novos entretenimentos, como também na constituição de novos comportamentos para atuação no cenário público (Melo, 2020).

É bem verdade que a inclinação aos ideais de civilização e padrões de modernidade não se dava de forma ordeira e pacífica. Essa tentativa de submissão é caracterizada por Chalhoub (2001, p. 257) como “aquilo que a história na versão dos vencedores se empenha sempre em ocultar: a transição para a ordem burguesa na cidade do Rio de Janeiro no período foi um processo de luta, de imposições e resistências, e não um caminho harmônico, linear e tranquilo”.

É importante chamar a atenção que esse metamorfismo cultural, como mesmo destacou Chalhoub (2001), não deixou de ter seus matizes, tampouco contrastes. Ainda que estivesse fortemente articulado com o forjar de uma cultura cidadina, os divertimentos suburbanos apresentavam uma conjuntura paradoxal. Isso porque os espaços de entretenimento não deixavam de manifestar tensões entre práticas estruturadas e práticas difusas de educação. Há manifestações de resistência pelo direito de decidir sobre os rumos e a configuração do espaço, seja quando se recusa o fim das diversões ditas ultrapassadas quanto quando se opõe a um novo modelo a ser seguido, revelando a sua própria concepção de diversão ideal.

Para Victor Melo (2022) a diversão se mostra como um campo complexo e multifacetado de educação. Na avaliação do autor, no âmbito da diversão:

se aprendem tanto os parâmetros de comportamento a partir de um ponto de vista quanto as burlas possíveis desses padrões. Mais ainda,

aprende-se como fruto da interação – sendo a própria sociabilidade um aspecto da aprendizagem. Ao fim, aprende-se algo (ou muito) não contido nos projetos originais de intervenção em função da natureza imprecisa das relações sociais (Melo, 2022, p. 25).

De certa maneira, reconhecer a pluralidade e as tensões desse curso, tanto no modo como se intervinha no espaço, como no que se entendia por uma modernização possível, permite lançar novos olhares ao campo das diversões. Isso porque havia naquele período outros conceitos que estavam na ordem do dia, mas que tinham múltiplos significados para os diferentes grupamentos sociais. Trata-se sobre a possibilidade de estabelecer uma discussão sobre a participação popular sob uma ótica diferenciada, nem submissa, por um lado, tão pouco subversiva, por outro.

Fossem em espaços privilegiados para a prática da dança, esportes e ginástica, ou, até mesmo, nas agremiações e ruas localizadas nos arrabaldes suburbanos, é notável a consolidação de uma indústria de entretenimento na transição dos séculos XIX e XX. Com esse amplo leque de diversões é possível afirmar que a cidade do Rio de Janeiro, independente da região, mantinha um mercado de entretenimento consolidado?

Talvez seja possível identificar, no caso carioca, que as diversões citadinas eram correntes, independentemente do local. De certa forma, elas, em seus vários formatos, foram se configurando e se difundindo conjuntamente com o desenvolvimento urbano, provocando, conseqüentemente, mudanças no perfil de ocupação das distintas regiões. A multiplicidade não só do modelo como da própria oferta contribuiu para o desenvolvimento de novos parâmetros culturais, que tinham na diversidade dos usos sociais do tempo um indicador importante na construção de um projeto modernizador.

Possivelmente, o próprio bairro de Campo Grande, localizado em área considerada rural dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, permita elucidar o desenvolvimento dos arrabaldes da cidade a partir das peculiaridades expostas por eles. Dessa forma, o estudo tem como objetivo analisar as estratégias de organização das sociedades recreativas e esportivas de Campo Grande, entre os anos de 1924 e 1940, procurando compreender não só como as redes de sociabilidade formadas ao seu redor serviram como uma estratégia de educação do corpo, como também o conjunto de experiências constituídas por esses sujeitos sociais.

Para responder às questões expostas, foram utilizados como fontes periódicos digitalizados disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) da Biblioteca Nacional (BN) e atas de reunião, estatutos e documentação policial, disponíveis no Arquivo Nacional (RJ). Quanto ao recorte temporal adotado (1924 e 1940), consideramos o crescimento do número de espaços de divertimentos no bairro de Campo Grande, a fundação do Aliados de Campo Grande (1924), a abrangência e a diversidade das práticas corporais encontradas e o aumento no número de atividades festivas, com a promoção de bailes, eventos culturais e atividades esportivas no período citado. Acreditamos que essas ações converteram de vez a atmosfera dos bairros em uma vida cultural dinâmica e multifacetada, onde seus moradores começaram

a buscar nessas sociedades um meio de organizar suas proximidades e diferenças.

Interface rural-urbana: Campo Grande e o associativismo

Localizado a aproximadamente 53 quilômetros da área central da cidade, Campo Grande sempre apresentou indicadores de centralidade para os subúrbios do Rio de Janeiro, notadamente pelo desenvolvimento das atividades comerciais presentes desde o início do século XX e a infraestrutura apropriada – trens, rodovias, serviços e equipamentos públicos. Atualmente, possui uma área de grande extensão territorial, cerca de 10.444,51 hectares, abrigando um total de 367.160 habitantes (Brasil, 2022). Esse número o coloca como o bairro mais populoso não só do Rio de Janeiro, como também do Brasil.

Ainda assim Campo Grande apresentou uma dinâmica de desenvolvimento muito próxima dos demais bairros suburbanos. A região, outrora rural, teve por décadas a exploração do solo como a sua principal atividade econômica, sendo reconhecida como Capital Rural do Distrito Federal (Oliveira, 2017). Em 1920, por exemplo, chama a atenção a distribuição ocupacional da região. Dos 18.353 trabalhadores economicamente ativos, 20% atuavam com atividades agrícolas, 6% na indústria, 1,6% no comércio, 3,9% funcionários públicos, 1,4% profissionais liberais e 1,9% serviços domésticos (Brasil, 1923).

Percebe-se que a região ainda tinha na agricultura sua principal força de produção. Ao lado de Realengo, Jacarepaguá e Santa Cruz, Campo Grande figurava, até 1940, entre os maiores fornecedores de laranja, chegando a exportar 144.557 toneladas.

A *pari passu*, Campo Grande apresentava complexos indicadores de uma região que transitava entre o rural e o urbano. Uma delas foi a instalação, em dezembro de 1878, de uma estação de trem no bairro, que ligava a estação de Sapopemba ao Matadouro de Santa Cruz.

O novo ponto de conexão mudaria a dinâmica local. Aos poucos, antigas chácaras foram dando lugar a loteamentos e rapidamente criou-se uma infraestrutura próxima a estação de trem, reflexo do aumento no número de casas, transporte, comércio, serviços e clubes recreativos. Essa ocorrência impactou o desenvolvimento do bairro em diferentes contextos, até mesmo no que se refere à estruturação de um mercado de entretenimentos.

Logo, espaços mais afastados da centralidade que ali se instituíram foram ocupados. Em 1894, a Empresa de Ferro Carril de Campo Grande e Guaratiba ganhou a concessão para explorar a linha de bondes à tração animal (Rodriguez, 2004). O serviço permitiu a interconexão entre áreas mais distantes da estação de trem. Em 1915, um novo contrato foi feito, o qual destacaria a extensão da linha e a substituição dos bondes à tração animal pelos elétricos, permitindo maior mobilidade e integração entre os núcleos semiurbanos já formados (Rodriguez, 2004). Segundo Morrison (1989), para atender o novo trecho, que ligaria o centro de Campo Grande às estações de Pedra de Guaratiba, Ilha de Guaratiba e Rio da Prata, a empresa adquiriu 12 bondes da Bonde Jardim Botânico, no qual culminou no desenvolvimento de um intenso comércio às margens das estações. Como destaca Abreu

(2006, p. 43):

Os bondes não só vieram a atender uma demanda já existente, como, em atendendo a essa demanda, passaram a ter influência direta, não apenas sobre o padrão de ocupação de grande parte da cidade, como também sobre o padrão de acumulação do capital que aí circulava.

Tais mudanças resultaram diretamente nas relações cotidianas que se construíam e se fortaleciam na região, não somente no que tange à segmentação espacial, como também relacionada à composição social local. Nas décadas de 1930 e 1940, novas reformas no plano urbano impactariam Campo Grande. A incorporação da estrada Real à antiga Estrada Rio-São Paulo e, posteriormente, a inauguração da Avenida Brasil integrou o bairro ao restante da cidade, concomitantemente ampliando sua densidade populacional e desenvolvimento industrial.

De fato, a estrutura viária implantada fortaleceu o desenvolvimento de Campo Grande e sua ocupação. Segundo Villaça (2001), o desenvolvimento da malha viária e transportes rodoviários reformularam a dinâmica ao local, interferindo na produção e expansão do espaço urbano. Este evento exerceu importante papel no incremento populacional da região, que já se via estimulada não só pelo crescimento de oportunidades de emprego, bem como melhorias no que tange a infraestrutura.

É interessante, portanto, as aproximações em relação ao desenvolvimento de Campo Grande. Ainda que não fossem homogêneas, até mesmo pela complexidade territorial, as freguesias outrora rurais, sejam por representações da imprensa ou interferência de autoridades políticas, trilham rumo à urbanização a partir de alguns pontos em comum: ligação direta com a região central da cidade; o protagonismo de lideranças locais; a localização de indústrias e o desenvolvimento das vias de transporte. Todos esses elementos conduzidos simultaneamente tinham, por sua vez, uma função considerável no que se refere à expansão em diferentes campos. Em outras palavras, assim como outros bairros suburbanos, Campo Grande imprimia, ainda que timidamente, condicionantes sociais necessários a uma cultura cidadina.

Desse modo, o bairro tornava-se uma representação da expansão urbana naquele ambiente tradicionalmente rural. Isso porque, Campo Grande se consolidava enquanto espaço de possíveis experiências de modernização, os quais estabeleciam diferentes formas de convivência. Certamente, a inserção de novos agentes sociais, somados a um modelo estrutural incipiente, revelaria o fortalecimento de um mercado de entretenimento plural. Não por acaso o número de clubes em bairros próximos já se mostrava um relevante hábito social consolidado. Em Bangu, por exemplo, pode-se apontar o Bangu Athletic Club, fundado em 1904, por iniciativa de trabalhadores da Companhia Progresso Industrial do Brasil.

Além de ser fundamental na consolidação e afirmação de identidades na região, o Bangu Athletic Club foi reconhecido como o primeiro clube de futebol operário da cidade, o

qual criara um modelo que seria, ao longo dos anos, adotado por muitos de seus pares. De certa forma, a agremiação operária estabeleceu uma ruptura no que tange à imagem de distinção social construída e desejada pelos *sportsmen* vinculados àqueles clubes frequentados pelas elites cariocas (Santos Junior; Melo, 2011).

Outras iniciativas também podem ser observadas em bairros da Zona Oeste no período. Em Realengo, podemos citar as iniciativas do Clube Dramático de Realengo, Tiro Brasileiro do Realengo e o Realengo Pedal Clube, clubes apresentavam peculiaridades e tensões locais, mas tinham em conta adotar parâmetros de civilização e progresso, difundindo uma leitura das ideias de modernidade (Melo; Santos Junior, 2020a; Melo; Santos Junior, 2020b).

Em Campo Grande, podemos destacar o Campo Grande Athletic Club, Aliados de Campo Grande, União Ciclística de Campo Grande, Pedal Campograndense, Sociedade Musical Campograndense, Casino Campo Grande, Grupo Carnavalesco Heróis Brasileiros, Grupo Carnavalesco União da Floresta, Grupo dos Silenciosos, Sociedade Carnavalesca Paz e Amor, Grupo Carnavalesco Estrela de Ouro do Rio do Gato, Grupo Carnavalesco Gargantas de Campo Grande, Grupo Carnavalesco Sereno de Ouro, Feniano de Campo Grande, entre outros.

Nota-se que o surgimento de diferentes clubes com múltiplas características possibilita enxergar os meandros que orientaram a inserção e a consolidação do mercado de entretenimento em Campo Grande. Tal crescimento, acompanhado por toda a região suburbana, mostrou-se um ponto de partida, haja vista as singularidades ali representadas, que vão desde o caráter moral e familiar sempre enfatizados nas descrições e nos objetivos dos estatutos até as representações criadas pela imprensa carioca. Aliás, compreender esses dois pontos mostrou-se indispensável, pois certamente contribuíram para a mobilização de lideranças locais na manifestação de uma ideia de civilização e progresso à moda do que se propugnava nas zonas privilegiadas do Rio de Janeiro.

Festas, carnaval e esporte: nós somos modernos

Na segunda semana de março de 1924, o *Jornal do Brasil* (18 mar. 1924, p. 18; *O Imparcial*, 22 jan. 1918, p. 6) publicou uma coluna sobre a fundação de uma nova sociedade carnavalesca nos subúrbios da cidade, sob a denominação de Aliados de Campo Grande. No pequeno trecho, o autor expõe alguns detalhes sobre a assembleia, a construção de um estatuto e, claro, a sua primeira atividade festiva: a organização de um baile para comemorar o sábado de Aleluia.

Vale destacar que a fundação do Aliados não foi a primeira iniciativa de entretenimento de Campo Grande. Pelo contrário, desde os primeiros anos do século XX já eram muitas as associações dessa natureza na localidade. O Grupo União da Floresta, fundado em 8 de dezembro de 1912, com sede no Cabucú, em Campo Grande, tinha como objetivo “proporcionar aos seus associados diversões em épocas apropriadas, suas espécies e outras

diversões a juízo de sua administração desde que estes sejam morais”.¹ Como aponta o documento, os divertimentos eram oferecidos em períodos específicos, na maioria das vezes, em época de carnaval. Havia, na mesma situação, o Grupo Carnavalesco Estrella de Ouro do Rio do Gato, que segundo o cronista, lançava, “após prolongado sono”, um programa de passeatas pelas ruas de Campo Grande, sendo recebida com palmas calorosas pela população local (*O Paiz*, 28 dez. 1915, p. 7). No mesmo período, também saíram as ruas os grupos carnavalescos Sereno de Ouro, Paz e Amor, Cordão de Ouro e Gargantas de Campo Grande (*O Paiz*, 10 fev. 1915, p. 5; 31 jan. 1916, p. 5; *Jornal do Brasil*, 8 fev. 1917, p. 10).

De fato, havia uma soma significativa de sociedades recreativas organizadas na região a partir dos primeiros anos do século XX. Não há dúvidas sobre a relevância desses grêmios na formação de uma identidade a partir dos préstitos carnavalescos. Todavia, por mais geral que fosse esse crescimento dos festejos em número, sistematização e importância no cotidiano popular, sendo, aliás, reconhecidos pelos jornais do período por tais esforços, não havia regularidade nessas realizações. Suas práticas estavam circunscritas, em muitos momentos, somente ao período de carnaval, e, às vezes, a eventos isolados, ficando um a dois anos sem realizar qualquer movimentação festiva (*O Paiz*, 10 fev. 1915, p. 5; 31 jan. 1916, p. 5; *Jornal do Brasil*, 8 fev. 1917, p. 10). Talvez, a própria irregularidade nas atividades festivas esteja relacionada ao espaço escasso ocupado pelos grêmios nas colunas do gênero, ficando isolados em préstitos sem muita repercussão pelas ruas do bairro (*O Paiz*, 28 dez. 1915, p. 7; 10 fev. 1915, p. 5; 31 jan. 1916, p. 5; *Jornal do Brasil*, 8 fev. 1917, p. 10).

Na tentativa de colocar o bairro entre os grandes expoentes das diversões arrabaldinas, a criação do Aliados se mostrou um passo diferenciado das iniciativas outrora criadas no bairro. A formação de mais um clube dançante suburbano partiu de moradores influentes da região. Reunidos numa tarde de domingo, aos 16 de março de 1924, na sede do co-irmão Campo Grande Athletic Club, fundaram o Aliados de Campo Grande, na qual surge como resposta à insatisfação com os folguedos do carnaval daquele ano, que “não corresponderam aos anseios da população de Campo Grande”.²

Logo, personagens conhecidos no campo político da região, entre eles, Marcelino de Andrade, Fernando Gameleira, Mario Barbosa, Manoel Caldeira de Alvarenga e Barcelos, compreendiam a necessidade de criar uma agremiação que oferecesse não somente atividades carnavalescas, como também culturais, dançantes e esportivas. Na verdade, buscava-se fazer do clube, um espaço de representação positiva, o qual pudesse ostentar o crescimento urbano e industrial da região.

Tal pretensão pode ser observada rapidamente. O destaque dado por diferentes periódicos cariocas aos frequentes bailes e passeatas, revela traços da atuação do grêmio

1 Grupo Carnavalesco União da Floresta. *Estatutos*. Rio de Janeiro, 1912.

2 Club dos Aliados de Campo Grande. *Estatutos*. Rio de Janeiro, 1924.

frente à sócios e moradores de Campo Grande, por exemplo, a cobertura dada pelo *Jornal do Brasil* ao baile à fantasia de final de ano.

O Grito de Carnaval, como destacou a folha, movimentou o último dia do ano de 1925 em Campo Grande. A “elegante agremiação familiar” ofereceu um imponente baile, tendo o cronista Meúdo, conhecido nome dos préstitos suburbanos, como grande homenageado (*Jornal do Brasil*, 31 dez. 1925, p. 12). Para ele, não havia qualquer dúvida sobre o sucesso do evento, já que ali reuniam-se rapazes que “sabiam elevar bem alto o nome da sua terra e do Rei Momo” (*Ibidem*, 5 jan. 1926, p. 12).

A festa foi realizada na antiga sede da agremiação, na rua Coronel Agostinho. 107, inaugurada em setembro daquele mesmo ano (*Jornal do Brasil*, 19 set. 1925, p. 17). O autor chamou a atenção para a beleza do sobrado, “cujas salas se acham artística e caracteristicamente adornadas”, ambiente perfeito para a apreciada Jazz-band Campo Grande, conhecida pela animação em seus bailes (*Ibidem*, 5 jan. 1926, p. 12).

O baile seguiu animadíssimo até os últimos instantes do velho ano, quando houve uma interrupção de 10 minutos em homenagem ao renomado cronista Meúdo, com grito de “Carnaval na rua” (*Jornal do Brasil*, 5 jan. 1926, p. 12; 5 jan. 1926, p. 12).

Após a tradicional cerimônia, prosseguiram as danças impulsionadas pela barulhenta jazz-band local, que se tornou incansável em atender os insistentes “bis” dos pares que ali “zig-zagueavam” pelo confortável salão. Somente às 5 horas, quando luz adentrou os salões sobre as cabeças dos casais, as danças, que pareciam intermináveis, encerraram-se (*Jornal do Brasil*, 5 jan. 1926, p. 12; 5 jan. 1926, p. 12). Na avaliação do autor, “tudo ali era encantos que deixaram saudades, tudo era vida que ainda palpita e que resistirá por longo tempo em todos que tiveram a aventura de participar dessa memorável festa” (*Jornal do Brasil*, 5 jan. 1926, p. 12). Da sacada da sede, “aos sons estridentes dos clarins”, fora anunciado, ao povo de Campo Grande, a abertura do carnaval de 1926.

Ainda que distante de qualquer marca ou discurso de fidalguia, nota-se que a narrativa criada fora sublinhada como familiar, progressista e moderna. Num primeiro momento, esse pormenor pode parecer insuficiente. Entretanto, não se pode desconsiderar que grande parte das agremiações instituídas nas primeiras décadas do século XX tinham como modelo as Grandes Sociedades (Santos Junior, 2017). Seu padrão, urdido e propalado pela imprensa, difundia-se como um símbolo capaz de suscitar o refinamento e o progresso, instituindo, por essa razão, um espelho no qual as classes populares deveriam morar-se em sua busca de promoção social e cultural.

Tal reconhecimento, portanto, corroborava os indícios daquilo que era idealizado pela “elite local”. Trajar-se como um ambiente familiar e elegante simboliza a adoção de comportamentos julgados modernos, distantes dos estigmas de violência e desordem frequentemente atribuídos as agremiações suburbanas pelos principais periódicos da época. Como mesmo revela Santos Junior (2020), não era incomum caracterizar as diversões arrabaldinas como bárbaras e espaços de consonância cultural marginal. De certa forma, os cronistas difundiam em seus relatos conteúdos e ideias fundamentalmente elitistas. No cerne

desta produção - por vezes oposicionista, por vezes claramente conservadora - encontra-se a divisão entre os intelectuais e a realidade nacional-popular, uma segmentação reiterada por condicionamentos objetivos de nossa composição histórica e social (Santos Junior, 2020). Tratava-se, de um claro interesse de promover uma higienização das práticas de diversão dos estratos mais pobre da cidade carioca.

Entre as lideranças locais, havia, de fato, uma enorme preocupação quanto aos limites do uso desses novos espaços de diversão. Aprender novas posturas alinhadas as ideias de civilização e desenvolvimento se caracterizava como uma tarefa dessas novas agremiações, que apresentavam em seus estatutos regras rígidas para frequência nos espaços. Para Melo (2020), os entretenimentos, mesmo que criticados por algumas lideranças intelectuais, se constituíram em importantes fóruns de difusão de novas formas de usar o corpo que estariam de acordo com a ideia de progresso do país, inclusive no tocante aos novos cuidados com a saúde, algo que começou a melhor se delinear com o crescimento de preocupações higienistas.

Ainda assim, seria simplório pensar que nessa relação não se tenha realizado qualquer interlocução, até mesmo em áreas distantes como Campo Grande. Havia um efervescente trânsito cultural entre sociedades suburbanas e abastadas, mostrando que a adaptação de expressões locais se mesclava às “elitizadas”, comprovando a capacidade do entretenimento carioca de imbricação (Santos Junior, 2017). Vale destacar, que não se trata de um simples processo mimético nas formas de organização e diversão. Tratava-se de uma relação complexa em que as aproximações não esvaziavam as singularidades.

Não era de se estranhar, portanto, que rapidamente outras agremiações surgiram no bairro a partir do modelo estabelecido pelo Aliados de Campo Grande. Nesse mesmo momento devemos registrar a importante atuação da Sociedade Carnavalesca Fenianos de Campo Grande, com sede inicial na Rua Ferreira Borges, próxima a estação de trem local. Diferente dos clubes carnavalescos anteriores, os Fenianos dispuseram de um espaço considerável nas principais folhas da cidade. Seus bailes à fantasia, passeatas e saraus dançantes eram sempre lembrados nas seções temáticas, sendo reconhecidos como a “fina elite local”.

Em 1925, ano de sua fundação, o grêmio foi responsável por inúmeros bailes. No entanto, alguns desentendimentos vinham, na avaliação da *Gazeta de Notícias* (12 jan. 1926, p. 4), “desprestigiando o novel clube”¹⁶. Para resolver o imbróglio, foram convidados membros da diretoria do Aliados de Campo Grande e do Furrecas de Santa Cruz, na tentativa de apaziguar os ânimos da ainda incipiente sociedade. A movimentada assembleia foi presidida pelo Sr. Frederico Leal do Furrecas e secretariada pelos senhores Almeida Porto e João Baptista, representantes da diretoria do Aliados. Para não criar quaisquer prejuízos aos preparativos do carnaval daquele ano, fora resolvido manter-se até abril a atual diretoria, naquele momento composta pelos sócios Manuel Nunes de Carvalho, Antônio de Almeida, Carlos Pereira, Nobrega Filho, David Carvalho e Alfredo Costa (*Idem*).

Ao término dos folguedos, em abril, uma nova diretoria foi eleita. Logo, o novo grupo,

que tinha no presidente Dr. Horário de Souza Barros o principal representante, tratou-se de adquirir uma nova sede, desta vez na Rua Campo Grande n. 30. A festa contou com personagens importantes da região, além de jornalistas e membros de outros grêmios (*O Paiz*, 22 e 23 nov. 1926, p. 7). Na época, o então presidente Dr. Horário de Souza Barros, reconhecido médico e filantropo, buscou nas relações políticas e no seu prestígio elevar o nome da agremiação.

Em 1927, sob sua administração, a Sociedade Carnavalesca conseguiu um auxílio de 500 mil réis da prefeitura (*O Brasil*, 27 fev. 1927, p. 8). Os jornais aplaudiram o gesto do então Prefeito Prado Junior, pelo carinho demonstrado pela agremiação e, principalmente, pela maior festa popular. O valor considerável permitiu ao clube montar luxuosos carros alegóricos e aumentar o número de passeatas pelas ruas de Campo Grande.

Nos anos seguintes, o clube manteve certo destaque nas principais colunas do gênero. Seus folguedos recebiam com frequência elogios da imprensa, sublinhando sempre o crescimento da sociedade. Os gatos de Campo Grande, como eram chamados pelos jornais, se mantiveram ativos até meados de 1931, quando as notícias se tornaram cada vez mais escassas. Ainda assim, foi possível identificar mais informações sobre o seu presidente mais longínquo, Dr. Souza Barros, que ficara no posto por três anos, posteriormente, ocupando outros cargos na direção. Além de uma rua em sua homenagem, em Campo Grande, o médico também fez parte da fundação da Sociedade Humanitário Freire Allemão. De toda forma, os Fenianos de Campo Grande mostraram um grupo interessado nas diversões à moda das que havia na cidade desde a primeira metade do século XIX.

Diante do exposto, alguns pontos nos chamam a atenção. A boa relação entre os clubes locais mostra indicadores de que ali circulavam personagens de vários estratos sociais. É provável que alguns de seus associados fossem também membros do Aliados. Como bem destaca Santos Junior (2017), tal iniciativa era comum. Muitos personagens circulavam entre as agremiações suburbanas, às vezes, com a prática de dupla ou tripla associação, ou seja, sócios que faziam parte de dois, três ou até mesmo quatro clubes. Acreditamos que se tratasse de uma sociedade que envolvia grupos de estratos médios, ainda que contasse com a participação de grupos mais populares que também frequentavam o Aliados.

Dessa forma, compreender os desdobramentos dessa relação pedagógica, a qual não fora constituída unilateralmente, torna-se importante na tentativa de esclarecer as experiências sociais que movimentavam o cotidiano de Campo Grande. Vejamos a repercussão da inauguração da atual sede do Aliados como um caminho a ser percorrido.

Na primeira semana de outubro de 1934, as principais colunas esportivas da cidade do Rio de Janeiro destacaram a alegria e o orgulho da população local (*Correio da Manhã*, 3 out. 1934, p. 12; *O jornal*, 3 out. 1934, p. 8; *O paiz*, 4 out. 1934, p. 7; *O radical*, 2 dez. 1934, p. 7). O motivo de tal entusiasmo, foi a inauguração da “majestosa sede” do Aliados de Campo Grande, que planejava um belo baile para celebrar o novo feito (*Correio da Manhã*, 3 out. 1934, p. 12).

O “grande empreendimento”, que ultrapassou a vultuosa quantia de 200:000, foi consequência dos esforços da população e da diretoria, entre eles, o Dr. Augusto Vasconcellos,

conhecido e prestigiado engenheiro, com a participação significativa de outros diretores: Modesto Rodrigues, Candinho, Mario Mendes, Gameleira, Miguel Correa, Dr. Lauro Vasconcellos e Capitão José Isaías Tinoco (*Correio da Manhã*, 3 out. 1934, p. 12; *O jornal*, 3 out. 1934, p. 8; *O paiz*, 4 out. 1934, p. 7; *O radical*, 2 dez. 1934, p. 7).

Na avaliação dos cronistas, a construção moderna e luxuosa, equiparada ao requinte e comodidade das grandes sociedades, possuía salões “ricamente decorados”, entre eles, um salão de dança com capacidade para duzentos pares (*Correio da Manhã*, 3 out. 1934, p. 12; *O jornal*, p. 8, 3 out. 1934, p. 8; *O paiz*, 4 out. 1934, p. 7). Já a área esportiva, que segundo o *Correio da Manhã* (3 out. 1934, p. 12) “constituirá, na certa, um verdadeiro acontecimento nos anais dos pequenos clubes dos subúrbios”, possuía *rinks* para basquetebol, vôlei e outros. Em outras palavras, o atual recanto colocara o Aliados de Campo Grande em um novo *status* no cenário esportivo suburbano.

De fato, as felicitações não foram excessivas para o que fora apresentado. As primeiras décadas do século XX expõem representações que associam bairros suburbanos à marginalidade e à violência (Santos Junior, 2017). Talvez, não seja exagero pensar que o conceito de “subúrbio” tenha adquirido um significado próprio na cidade do Rio de Janeiro. Como mesmo sustenta Oliveira (2017), ele ultrapassa a etimologia da palavra e o sentido geográfico do termo e não se refere, necessariamente, a um bairro ou região localizada longe do centro. Caracteriza muito mais por uma identidade, uma cultura e uma vida com peso ideológico muito forte, retratado como espaço de pessoas simplórias, trabalhadores pobres, não modernos, precarizados e imersos na violência da cidade. E, por essa razão, seus espaços foram com frequência representados como territórios das “classes perigosas”, potencializados pelos principais periódicos da cidade.

Contudo, o relato exposto nos mostra representações antagônicas aos preceitos de violência e degradação. Isso porque, havia uma heterogeneidade no âmbito de diferentes segmentos das classes populares, assim como canais de organização e estruturação que floresciam a *pari passu* na adesão a parâmetros de modernidade. No cerne deste conjunto, a diretoria do Aliados de Campo Grande cercava-se de normas de comportamento mais adequadas à ideia de civilização e progresso, redefinindo usos e costumes considerados apropriados pelos padrões estabelecidos nas áreas mais abastadas da cidade. Revelava, assim, um movimento associativo que procurava se distanciar dos estereótipos e estigmas dos subúrbios.

Ainda assim, outro ponto chama-nos a atenção. Desde finais do século XIX, em especial com a formação do Grupo Triângulo,³ composto por lideranças de Campo Grande, Guaratiba e

3 Formado pelos senhores Augusto Vasconcelos (Campo Grande), Felipe Cardoso (Santa Cruz) e Raul Barroso (Guaratiba), o grupo político, demonstraram, em vários momentos, representação política significativa, principalmente pela convocação de um número considerado de eleitores, que decidia assim, eleições no âmbito federal e municipal (Oliveira, 2017, p. 21; *Correio da Manhã*, 3 out. 1934, p. 12).

Santa Cruz, a Zona Oeste sempre teve representantes em cargos estratégicos na administração municipal e federal. Tais funções viabilizavam a captação de recursos e melhorias para a localidade. Não foram poucas vezes, que por influência de grandes nomes, alguns serviços foram facilitados, entre eles, concessão de terrenos públicos e isenções de impostos. Aliás, foi justamente essa relação auspiciosa que viabilizou, ainda que indiretamente, ações de um grêmio arrabaldino. Desta vez, a construção da moderna sede do Aliados de Campo Grande.

Além da permissão para a compra do terreno na Rua Viúva Dantas, n. 99, um pedido enviado ao Conselho Consultivo do Distrito Federal facilitaria a realização do projeto. A solicitação, feita ainda em 1933, caiu nas mãos do Sr. Hebert Moses, que colocara o relatório para a ordem do dia (*O Paiz*, 16 jan. 1934, p. 4). Após opinar favoravelmente pelo projeto exposto, “tendo-se em vista a finalidade esportiva e social da agremiação”, fora aprovado com apenas um voto contrário, o do conselheiro Julio de Moraes (*Idem*). A partir daquela sessão o clube não teria mais preocupações com impostos de transmissão e outros, sob a condição de manter atividades esportivas e culturais na região.

Ainda que não tivesse relação direta com a construção da nova sede, compreende-se que a isenção aliviaria os cofres da agremiação. Mesmo não tendo ideia dos valores correspondentes, estima-se que as cifras permitiram um maior investimento na estrutura. Contudo, não seria esse o item a ser destacado, mas, sobretudo, a influência que os membros que compunham a diretoria tinham no cenário político e social do período. Os sobrenomes Vasconcellos, Barcelos, Andrade e Caldeira de Alvarenga, entre outros, sempre circularam no ambiente político carioca. Talvez, não seja exagero enxergar no Clube Aliados de Campo Grande, um esforço de fortalecimento das relações sociais compostas pelos distintos setores da elite local, consonante com os ensejos de preservação moral e dos costumes.

A sede também indicaria novos horizontes ao seu quadro de associados. Além dos já mencionados préstitos e bailes dançantes, a relação mais próxima com eventos esportivos tornava-se cada vez mais latente, notadamente em festivais e campeonatos amadores. A relação com o Campo Grande Athletic Club, facilitava a prática do futebol e, por essa razão, era comum a disputa dos jogos no campo vizinho. O grêmio chegou, até mesmo, a exibir bons resultados em campeonatos de ligas menores. Entretanto, tal experiência, ficou circunscrita à competições menos expressivas, pois o maior destaque ficaria para o clube vizinho, o Campo Grande Athletic Club, que rivalizava entre os clubes da 2ª divisão, nas ligas mais importantes do Rio de Janeiro. Talvez, por essa razão, a relação com o futebol não significou o afastamento de outras práticas esportivas, tampouco a organização de festividades.

Em 1935, algumas mudanças significativas ocorrem no clube. A primeira delas, referente à direção, agora sob a gestão dos senhores Miguel Correa (presidente) e Dr. Lauro Vasconcellos (vice-presidente), antigos secretários. Embora presentes no quadro de diretores desde a fundação, o que indica possivelmente uma estabilidade política, a nova administração passa a concentrar maiores esforços na parte esportiva, num primeiro momento nas equipes infanto-juvenis, posteriormente nas profissionais. Somado a esse item, vem o segundo ponto

a ser destacado: a criação de uma direção esportiva, coordenada pelo Sr. Arnaldo Arzira (diretor esportivo), que culminou, no mesmo ano, na filiação à Liga Carioca de Basquete, hoje Federação Metropolitana de Basquete.

Sob sua gestão, o clube Aliados de Campo Grande tornou-se presente em diversos torneios esportivos, conseguindo resultados expressivos ou, como mesmo descreve *A Noite* (10 jun. 1935, p. 7), um “apreciável surto progressista na localidade de Campo Grande”²⁸. A própria folha reconhece que “absorvido a princípio por intensa vida social, dedicou-se há pouco tempo, à prática de esportes” (*Idem*). A incipiência no trato esportivo, contudo, não maculou as ações da agremiação. Pelo contrário, rendeu numerosos elogios pelo crescente e rápido processo de evolução das modalidades esportivas ali cultuadas, em especial o basquetebol e o voleibol (*Idem*).

O jornal também destaca o grande número de *sportsmen* que figuravam nas equipes da agremiação arrabalдина. O clube contava com um número superior a cem jovens, de ambos os sexos, que constituíam dois *teams* femininos de voleibol, três equipes de juvenis e seis de infantis, dedicadas ao basquetebol (*A Noite*, 10 jun. 1935, p. 7). Aliás, as equipes de basquetebol eram as que mais impressionavam os jornais da época, pois rivalizavam com os clubes mais longevos da cidade. Impressionado, o autor ainda destaca o critério dedicado “ao preparo da petizada que reconhecendo ali, um meio propicio, comparece em número elevado”, manifestando que “o esforço e boa vontade, quando bem orientados, conseguem prodígios” (*Idem*).

Esse contexto reflete a consolidação de um efervescente mercado de entretenimento em Campo Grande; não só pela dinâmica ali imprensa, como também pelo modelo tipicamente europeu de diversão. Ali, foi possível identificar aspirações de um quadro social que incorporava o modelo das principais sociedades centrais como parâmetro cultural. Cabe salientar, entretanto, que esses anseios não significaram uma noção de cultura popular urbana heterogênea, em que noções como as de civilidade e moralidade dos grupos sociais e dos sujeitos podem determinar coletivos satisfatórios – ou não – dentro de uma moção classificatória do extenso quadro das manifestações populares.

De fato, a década de 1930 foi marcada por múltiplas experiências em Campo Grande. Havia, nesse momento, um crescimento de agremiações de diferentes características e estratos sociais que movimentaram o bairro. Os propósitos dos Aliados, Fenianos e Campo Grande Athletic Club se somariam a outras iniciativas, alguns mais restritivas como o Casino Campo Grande e outras que apresentavam o ascender de um novo retrato social.

Considerações Finais

As agremiações recreativas foram espaços significativos na formação de redes de sociabilidades em Campo Grande. Suas atividades não foram concebidas somente como um divertimento, foram também circunstâncias que contribuíram para forjar e fortalecer uma

representação suburbana distante de estigmas e segregações.

Composta por diferentes círculos sociais, entre eles, distintos setores da elite local, os clubes de Campo Grande foram marcados pelas ideias de civilização e progresso. No entanto, ainda que houvesse uma clara estratégia de educação do corpo interpretados a partir de uma dupla dimensão: educação para e pelo entretenimento, as singularidades ali representadas contribuíram para interpretá-las sob uma nova ótica, distante de perspectivas que estabelecem determinadas regiões ou grupos como únicos protagonistas.

A inserção de pessoas de diferentes estratos sociais permitiu compreender traços significativos quanto ao *modus operandi* local. Tratou-se de explorar os espaços em que grupos heterogêneos se reuniam, a criação de pequenas agremiações espalhadas pelo bairro, suas iniciativas, contextos socioeconômicos, além da produção de práticas, linguagens e costumes. Foi através delas, que conseguimos desvendar teias de sociabilidades expressivas nas disputas por legitimidade e na atribuição de significados, analisando as tensões latentes relacionadas aos discursos de civilização e progresso.

Essas relações, ainda que tenham similitudes em outros bairros suburbanos, refletem adequadamente a heterogeneidade dos grupos sociais que habitavam em Campo Grande, bem como a diversidade de suas ações. Tratou-se de descortinar as iniciativas que reduzem a região como um espaço circunscrito à produção agrícola, desconsiderando as tensões que se estabeleceram na interface entre o rural e o urbano.

Referências

Fontes

ARQUIVO NACIONAL - RIO DE JANEIRO (AN-RJ)

CLUB dos Aliados de Campo Grande. *Estatutos*. Rio de Janeiro, 1924.

GRUPO Carnavalesco União da Floresta. *Estatutos*. Rio de Janeiro, 1912.

BIBLIOTECA NACIONAL - RIO DE JANEIRO (BN-RJ). Hemeroteca Digital Brasileira

A Noite, Rio de Janeiro, 10 jun. 1935.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Cia Typographica do Brasil, 1918.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 3 out. 1934.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 12 jan. 1926.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 fev. 1917; 18 mar. 1924; 8 nov. 1925; 5 jan. 1926.

O Imparcial, Rio de Janeiro, 22 jan. 1918.

O radical, Rio de Janeiro, 2 dez. 1934.

O Paiz, Rio de Janeiro, 10 fev. 1915; 28 dez. 1915; 31 jan. 1916; 22 e 23 nov. 1926; 16 jan. 1934.

Legislação, Documentos oficiais e Institucionais de reconhecimento público

BRASIL. *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 1 de setembro de 1920*. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1923.

BRASIL. *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 1 de setembro de 1920*. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1923.

BRASIL. *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal), 31 de dez. de 1890*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1895.

BRASIL. *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal), realizado em 20 de set. de 1906*. Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1907.

BRASIL. *Recenseamento Geral do Brasil, 2022*. Brasília, 2022.

Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplanrio; Zahar, 2006.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

FERNANDES, N. N. *O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858/1945*. Rio de Janeiro: Apicuri; Faperj, 2011.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade expandida: estudos sobre o esporte nos subúrbios cariocas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.

MELO, Victor Andrade de. Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli – um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá (PR), v. 20, n. 114, 2020.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. In: MELO, Victor Andrade de. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de; Nei Jorge dos. Entre o rural e o urbano, entre o civil e o militar: peculiaridades (esportivas) do bairro de Realengo/Rio de Janeiro (1902-1940). *Revista Antíteses*, v. 13, p. 361-389, 2020.

MELO, Victor Andrade de; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. Faces da modernidade: a experiência do Ciclo Suburbano Clube (Madureira/Rio de Janeiro—décadas de 1920-1960). *Revista Tempo e Argumento*, v. 12, n. 30, p. 1-40, 2020.

MELO, Victor Andrade; SILVA, Bruno Adriano Rodrigues. Estratégias do subúrbio: a experiência do Sport Club Mackenzie (Rio de Janeiro; 1914-1932). *Projeto História*, PUC-SP, v. 71, p. 294-323, 2021.

MORRISON, Allen. *The Tramways of Brazil: A 130-year survey*. New York: Bonde Press, 1989. Available: <http://www.tramz.com/br/tto/01.html>. Access: jan. 2024.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves. *Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro: entre o rural e o urbano*. *Iluminuras*, v. 18, n. 45, 2017.

RODRIGUEZ, Helio Suevo. *A formação das estradas de ferro: o resgate da sua memória*. São Paulo: Imprensa RR Donneley, 2004.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos; MELO, Victor Andrade de. Violentos e desordeiros: representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca (década de 1910). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 411-422, 2011.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. *A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929)*. Tese (Doutorado em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. Diversões nos subúrbios cariocas: identidades, representações e tensões (1900-1930). *Territórios e Fronteiras*, UFMT, v. 13, p. 138-154, 2020.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp; Lincoln Institute, 2001.